

---

A invenção da sociedade — Da  
elucidação à acção. XV Congresso  
Internacional da AISLF  
Évora, 8 a 12 de Julho de 1996

A Associação Internacional de Sociólogos de Língua Francesa (AISLF) realizou o seu XV Congresso Internacional que reuniu cerca de setecentos participantes de vários países, incluindo países não francófonos.

A sessão de abertura contou com a presença do Ministro da Ciência e Tecnologia (Prof. Doutor Mariano Gago), que, exprimindo-se em francês, num discurso muito aplaudido pela plateia, fez um elogio da sociologia referindo-se ao carácter e ao estatuto desta ciência no contexto português. O encerramento da sessão de abertura deu-se com a palestra proferida por Raymond Boudon da Universidade de Paris IV. O sociólogo francês, um dos nomes mais sonantes presentes no congresso, onde se notou a ausência de alguns sociólogos francófonos mais conhecidos, intitulou a sua intervenção «O diagnóstico da sociedade actual», tendo insistido no papel do relativismo enquanto filosofia da modernidade, realçando as diferenças entre relativismo e cepticismo e dando ênfase particular à questão do multiculturalismo e da relação deste com a democracia.

As quatro sessões plenárias, que ocuparam as manhãs de 9, 10, 11 e 12, contaram com a presença de oradores e comentadores, sendo de registar o facto de terem sido

bastante concorridas e animadas, com o auditório da Universidade de Évora a ser pequeno para albergar todos os participantes. A sessão do dia 10, subordinada ao tema «Identities e Desafiliação», onde intervieram Robert Castel e Dominique Schnapper, foi aquela que suscitou um debate mais intenso e maior participação da plateia.

Destaca-se, também, a realização de uma mesa redonda constituída à volta do tema «A sociologia em Portugal», que contou com as presenças de Ana Nunes de Almeida (Presidente da Associação Portuguesa de Sociologia), de José Madureira Pinto (Universidade do Porto) e de Augusto Silva (Universidade de Évora).

Além disso, foram organizados quatro «Encontros-debate», tendo funcionado dezanove «Comités de pesquisa», com as sessões a desdobrarem-se em dias diferentes, dado o número comunicações, e trinta e cinco «Grupos de trabalho». Relativamente aos «Comités de pesquisa», os mais concorridos, todos eles com quatro sessões, foram: Políticas e colectividades locais, Teoria e análise dos sistemas sociais, Sociologia da família, História da sociologia e Sociologia clínica.

O XV Congresso da AISLF ficou ainda marcado pela realização da Assembleia Geral da associação, onde o até agora presidente (Prof. Renaud Sainsaulieu) foi substituído no cargo por Liliane Voyé da Universidade Católica de Lovaina. ■

## *Speaking science fiction:* um convivium

Organizada pela Universidade de Liverpool, decorreu de 11 a 13 de Julho deste ano naquela cidade uma Conferência-Simpósio, subordinada ao tema «Speaking Science Fiction». Um nome a servir de amplo capote a qualquer tipo de comunicação: começando pela ambiguidade do título, que para muitos foi pretexto, tão só, para falar de ficção científica. O que nem sequer estava fora de propósito: o texto de convite à participação falava dos «diálogos e discursos dentro da fc e entre a fc e outras áreas do saber e da cultura».

Cumprir notar aqui que a Universidade de Liverpool é das que mais tem feito na Grã-Bretanha pelos estudos académicos de ficção científica: é a única universidade do Reino Unido a oferecer especificamente um mestrado na especialidade, devidamente acompanhado numa linha editorial de textos críticos. É na Biblioteca Sydney Jones desta Universidade que se encontra actualmente alojada a Science Fiction Foundation Collection, o maior acervo de espécimes bibliográficos da área na Europa: revistas, edições cartonadas e de bolso, literatura primária como secundária, e não exclusivamente do espaço anglófono. Transferida de Londres para Liverpool há poucos anos, e em (moroso) processo de informatização, a colecção não é neste momento ainda, infelizmente, o lugar ideal de investigação. Largos trabalhos para o seu bibliotecário, Andy Sawyer, que foi, ele também, coadjuvado por David Seed, responsável pela organização da Conferência.

O congresso em si, se pecou talvez por alguma desorganização interna, teve vários pontos de interesse. Distingo as intervenções dos *guest speakers*, nomeadamente os escritores Brian Aldiss (cuja presença em Cascais, em Setembro, nos 1<sup>os</sup> encontros de ficção científica e do fantástico, já se

saberá se se confirma quando esta nota estiver publicada) e Josef Nesvadba, o «herdeiro espiritual» de Karel Čapek. Intervenções pessoais, de escritores para o seu público, em que a aura das personalidades contava provavelmente mais do que aquilo que disseram. De Aldiss já eu conhecia a boa disposição e convivialidade; fiquei agora a conhecer a personalidade vigorosa de Nesvadba, a sua posição amargurada de *Mittleuropäer*, e de checo angustiado (como Čapek no seu tempo) pela crescente hegemonia alemã. O terceiro *guest speaker* foi Edward James, um doutor em história medieval que acabou estudioso de ficção científica e director, vai para 13 anos, da *Foundation*, a mais importante revista da especialidade publicada deste lado do Atlântico. Se Aldiss e Nesvadba falaram da sua experiência pessoal como autores, Edward James falou como crítico, e como crítico de críticos: a propósito dos cinquenta anos de literatura secundária sobre fc (a tese de doutoramento de James O. Bailey foi publicada em 1946), sustentou uma aproximação multiculturalista e pluridisciplinar da ficção científica, sem as peias literatizantes dos estudos académicos convencionais.

Quanto às comunicações propriamente ditas, caracterizaram-se, pela própria indefinição do título do congresso, pela variedade, embora se notassem certas tendências mais notórias (ou mais na moda): a discussão do «gender»\* e a crítica feminista, que tiveram a parte de leão (quase um terço das comunicações; desde Michael Laplace-Sinatra sobre *Frankenstein* a Nickeanne Moody sobre criação de linguagem e silêncios na fc escrita por mulheres, texto que

\* Palavra que, como ex-linguista, me continuo a recusar a traduzir por «género», mas por «diferença e discriminação social da[s] sexualidade[s] e dos papéis sexuais».

usava as «clássicas» Margaret Atwood, McKee Charnas e Le Guin, mas omitia estranhamente Octavia Butler). O *cyberpunk* logo a seguir: em geral uma desmontagem/desconstrução da relação corpo-máquina presente nessas ficções (ensaios como o de Ross Farnell, sobre Stelarc e o seu trabalho; Andrew Macrae sobre Greg Egan; e também, duma perspectiva feminista, o texto de Bronwen Calvert e Sue Walsh, a propósito da americana Pat Cadigan).

Aliás, o escritor singular ora foi feito *case study* para uma contribuição teórica, ora expressão da preferência individual do conferencista: e neste último caso saliente as contribuições de Lech Keller sobre Stanislaw Lem, ou de Barry Atkins sobre Kurt Vonnegut, de Hal Drake sobre A. E. van Vogt. Dois autores por sinal completamente descentrados das atenções dos outros participantes: Ballard, Gibson, Sterling, Burroughs, Dick (mas não Pynchon...) estiveram muito mais presentes — além das várias autoras, de que mencionei atrás alguns nomes, do que já corre (na Internet — onde havia de ser?) como *fem-sf*.

Tudo isto polvilhado com as várias e obrigatórias chapeladas culturais ao pós-modernismo, a obrigatória referência a Jameson, a Baudrillard, a Deleuze e Guattari, a Donna Haraway... Fora dos vários *trends* da moda, a clareza do texto dos professores George Slusser e esposa (Danièle Chatelain), sobre as vozes narrativas da ficção (científica e não só), e o que há de característico nos processos de descrição do mundo (meta-empírico) na *fc*, de certo modo a pôr os pontos nos *ii*. E, na mesma linha, faltou-nos a comunicação do ucraniano Gleb Lipin, que não esteve presente, mas cuja proposta versaria sobre problemas de linguagem e arte na *fc* e fantasia moderna, como constava do resumo pré-enviado. Não foi justificada a sua ausência. Já o mais feliz Stephen Baxter, o autor da continuação «oficial» de *The Time Machine* (oficial porque sancionada pelas eurocráti-

cas leis do *copyright*), não apareceu, porque estava fora do país para receber um prémio; mas mandou o seu texto, que foi lido por Andy Sawyer: narrativas sobre Marte, de Wells à actualidade. Talvez esteja a preparar uma continuação para *The War of the Worlds...*

Outro aspecto interessante, na parte social do simpósio, foi a leitura pós-prandial de excertos de obras suas por três dos autores anglófonos presentes: Brian Aldiss, Gwyneth Jones, e a canadiana Candace Jane Dorsey. Bons a ler, a dizer, sobretudo os dois primeiros; Aldiss leu um conto da sua última colectânea, Gwyneth Jones um capítulo do seu romance *North*, Candace J. Dorsey um passo dum romance ainda sem forma definitiva.

Disse atrás, a propósito da comunicação do casal Slusser, que puseram os pontos nos *ii*. Também Edward James verberou as «poses» académicas. Ora de certa maneira os autores presentes, dos estabelecidos e indiscutidos Aldiss e Nesvadba às mais jovens Jones e Dorsey, foram o justo contrapeso do *lobby* académico — que estava bem representado: Veronica Hollinger e István Csicsery-Ronay, Jr. do quadro editorial da formidável *Science Fiction Studies*; Brian Attebery, o *scholar* da fantasia americana.

Presentes também os fans: dos colaboradores membros da associação *Friends of Foundation*, como o dedicado Roger Robinson, incansáveis *supporters* da causa. Portaram-se bem melhor que alguns participantes que, nomeadamente na área do vídeo e cinema, apresentavam palestras descosidas, intercaladas de excertos de filmes e séries de TV que se limitavam a ilustrar o óbvio.

No fundo, o congresso valeu por aquilo que valem todas as conferências, congressos, simpósios: por algumas intervenções; pelas conversas de corredor; para quem vem de longe, e de fora do santuário anglo-americano, pelo encontro e reencontro com

peessoas, pelo acesso a livros, pelo ambiente de feira (no bom sentido): feira de ideias, de novidades, até de livros. A Blackwell's de Liverpool tinha lá uma mesinha, a University Press local fez também vendas e publicidade. Cumpriam-se os objectivos da

Conferência: falou-se (agora já sem *de*) ficção científica.

«Forward the Foundation!» ■

José Manuel Mota